

# Capítulo G2

## Juruá-Ucayali

<a href="#">Página inicial</a>
--------------------------------

<a href="#">Lista das áreas</a>
---------------------------------

Esta área foi traçada de modo a abranger a maior parte dos índios da família linguística pano. Não foi possível incluir todos: ficaram de fora os parquenauas (ou nauas), os chácobos, pacauaras e caxararis da área Beni, além dos majurunas (maiorunas, mas não matsés) da área Alto Amazonas. Por outro lado nela ficaram incluídos representantes de grupos não-panos mais numerosos em outras áreas: da família catuquina (canamari, tsohom djapá) da área Juruá-Purus, aruaque (axanincas, piros) da área Alto Ucayali. Aqui vou-me concentrar nos panos, deixando os índios de outras famílias linguísticas para serem tratados nas referidas outras áreas.

As sociedades falantes de línguas panos apresentam muitas semelhanças entre si e, num tipo de gênero hoje raro na literatura antropológica, Philippe Erikson (1993) nos oferece um sugestivo panorama geral das mesmas. Como é de se esperar, entretanto, há diferenças, sobretudo no que tange à organização social, entre aquelas instaladas à margem de um grande rio, como é o caso do médio Ucayali, e as sediadas nos altos cursos, portanto nas partes menos caudalosas, de rios como o Juruá e o Javari, e em seus afluentes. Além disso, talvez também se possa distingui-las no que tange ao contato com os brancos: as do médio Ucayali têm contato, inclusive com missões, desde o período colonial; as dos altos cursos do Juruá e Javari foram duramente afetadas pelo "boom" da borracha (mais ou menos 1870-1912); e, ainda nas bacias destes mesmos rios, há grupos que só iniciaram (ou retomaram) contato na segunda metade do século XX.

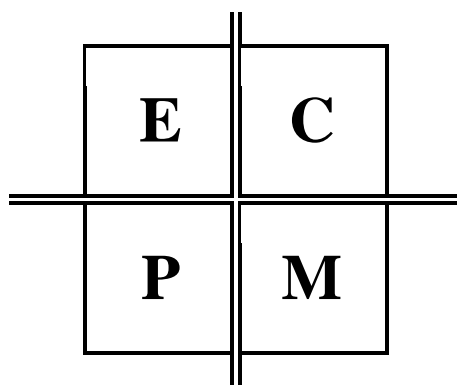
### Fusão de gerações

Pelo menos os grupos que não vivem à beira do Ucayali estão organizados, apesar das variações, de um modo que lembra as seções das sociedades australianas. Em sistemas como esses, cada geração se divide em dois setores conforme os critérios da distinção entre primos paralelos e cruzados e da fusão bifurcada. Porém, o que verdadeiramente caracteriza esse sistema é, digamos assim, a existência de apenas duas gerações. Nos textos antropológicos geralmente se designa a geração daquele que fala (Ego) como geração 0 (zero); a geração de seus pais é a primeira ascendente ou +1, a dos avós a segunda ascendente ou +2, e assim por diante. Já a geração dos filhos é a primeira descendente ou -1, a dos netos a segunda descendente ou -2 etc. Ora, no sistema aqui abordado, as gerações se fundem com aquelas que não lhes são contíguas. Ou seja, as gerações pares fazem uma só, e as ímpares a outra.

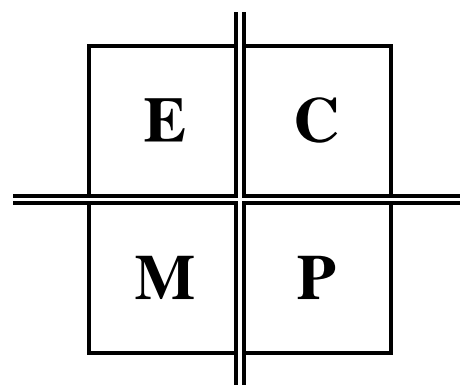
Assim, pai do pai e filho do filho podem chamar um ao outro até por termos de um mesmo radical, cuja tradução não será "avô" nem "neto", mas algo como "irmão mais velho" e "irmão mais novo". O mesmo acontecerá com a mãe da mãe e a filha da filha. Da mesma maneira, uma pessoa vê como seus possíveis cônjuges, não somente seus primos (ou primas)

cruzados, mas também, teoricamente e, às vezes, de fato, indivíduos da geração dos avós ou da geração dos netos: o pai da mãe e o filho da filha podem usar termos que têm o mesmo radical que aqueles utilizados entre primos cruzados.

Em suma, essas sociedades como que estão divididas em quatro conjuntos que, quando explicitamente reconhecidos por seus membros, chamamos de seções. O par de gráficos apresentado a seguir serve de ilustração. Nele vemos quatro letras, escolhidas por razões mnemônicas: "E" marca a seção em que está Ego, aquele que fala, o ponto de referência dos esquemas genealógicos. "C" marca a seção onde Ego vai buscar seu cônjuge, que é também onde tem seus cunhados, onde ele se casa (todas essas palavras começam com "c"). "P" é a seção onde Ego tem seu pai e "M", onde tem sua mãe. Duas seções podem agrupar-se para constituir uma metade, e as metades podem ser patrilineares ou matrilineares. Por convenção estou pondo em coluna as seções que constituem uma mesma metade. No gráfico da esquerda, a seção de Ego está sobre a seção do Pai, o que significa que elas fazem parte da mesma metade, que é patrilinear. O gráfico da direita ilustra a situação oposta, em que a seção de Ego constitui metade com a seção da mãe, portanto num sistema matrilinear.

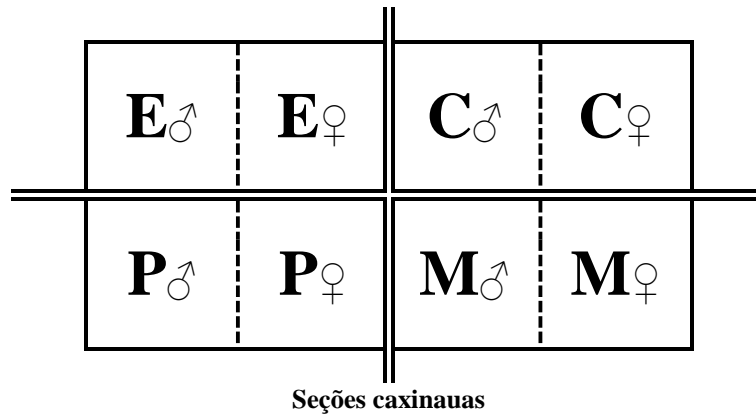


Seções agrupadas de modo patrilinear

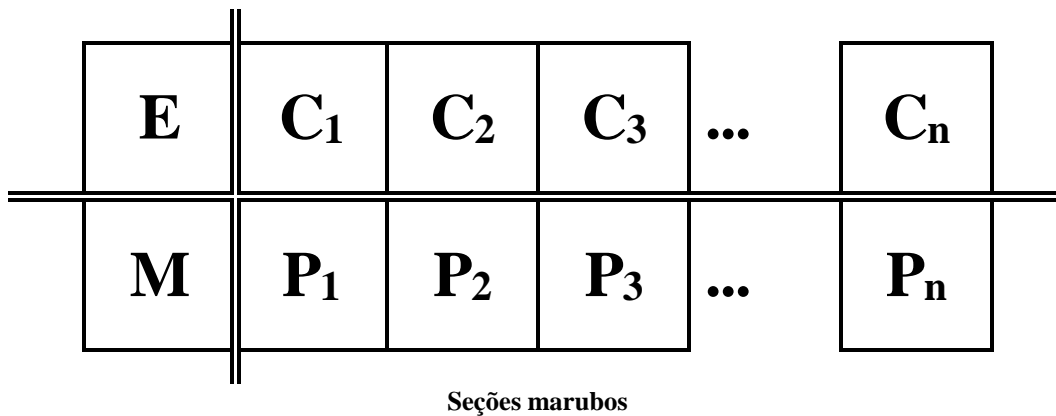


Seções agrupadas de modo matrilinear

Entretanto, as sociedades panos dificilmente correspondem exatamente aos referidos esquemas. Os caxinauas, por exemplo, aqueles que mais se aproximam deles, têm metades patrilineares divididas em seções. Entretanto, há metades só de homens e metades só de mulheres. Embora o funcionamento seja o mesmo que o esperado no esquema de seções agrupadas de modo patrilinear (o primeiro da esquerda na página seguinte), o fato é que os caxinauas dão às divisões masculina e feminina da mesma metade nomes diferentes. Confira o gráfico seguinte, que tenta retratar o sistema caxinaua.



Mas existem sociedades panos que não têm metades, como as dos marubos. Estes entretanto, dispõem de várias unidades, que podemos chamar de clãs, divididas em seções. Além disso, esses clãs são matrilineares. Veja o gráfico seguinte, que tenta dar conta do sistema marubo. Embora os parentes por linha feminina se incluam necessariamente na seção E ou na seção M, os outros podem se distribuir por mais de um par de seções.



Há ainda sociedades panos que não têm nem metades nem seções, como a dos xaranauas, embora se possa vislumbrar nelas uma divisão em quadrantes, pelos quais se distribuem os termos de parentesco e a transmissão de nomes por gerações alternadas. É o caso também dos matis, ainda que entre eles vigore um dualismo, que talvez se manifestasse no passado por um par de metades, hoje correspondente a duas categorias que opõem a nível simbólico os matis de velha cepa aos descendentes de estrangeiros, e os itens de caráter masculino aos de caráter feminino.

**Parentes que compõem cada uma das quatro seções  
do ponto de vista de alguém que pertença à seção E,  
ou seja, do ponto de vista de Ego**

**Composição da seção E**

Qualquer que seja meu sexo, meus irmãos e irmãs, meus primos e primas paralelos estão comigo nesta seção.

Meu avô paterno, seus irmãos, suas irmãs e seus primos e primas paralelos; minha avó materna, seus irmãos, suas irmãs e seus primos e primas paralelos também estão aqui.

Também estão o filho e filha do meu filho de mesmo sexo que eu.

Os termos de parentesco que aplico àqueles que estão neste conjunto consideram apenas as diferenças de sexo e de idade relativa. Pode haver mesmo um único termo que aplico a todos.

Guardadas as diferenças de sexo, indivíduos de quem eu, meu irmão e minha irmã recebemos nome e a quem damos nossos nomes estão neste conjunto.

**Composição da seção C**

Neste conjunto estão meus primos e primas cruzados.

Também estão aqui meu avô materno, seus irmãos, suas irmãs e seus primos e primas paralelos; minha avó paterna, seus irmãos, suas irmãs e seus primos e primas paralelos.

Aqui ficam também o filho e a filha do meu filho de sexo oposto ao meu.

Aqui estão as pessoas com quem eu posso me casar.

**Composição da seção P**

Aqui ficam parentes de gerações contíguas à minha, a primeira ascendente e a primeira descendente.

Caso a regra de descendência seja patrilinear, este conjunto pode constituir uma metade com o que lhe está acima neste esquema.

Qualquer que seja meu sexo, meu pai, seus irmãos, suas irmãs e seus primos e primas paralelos estão neste conjunto.

Entretanto, somente se eu for homem é que meu filho, minha filha, os filhos e filhas de meu irmão e de meus primos paralelos estarão aqui neste conjunto. Os filhos e filhas de minha irmã estarão no conjunto da direita.

Aqui estão, guardadas as diferenças de sexo, indivíduos de quem meu pai, seu irmão e sua irmã recebem e a quem dão nomes.

De qualquer modo, não posso me casar com pessoas deste conjunto.

**Composição da seção M**

Aqui também ficam parentes de gerações contíguas à minha.

Se a regra de descendência for matrilinear, este conjunto pode formar um clã e/ou metade com o conjunto acima e em diagonal neste esquema.

Qualquer que seja meu sexo, minha mãe, sua irmã, seu irmão e seus primos e primas paralelos estão neste conjunto.

Mas somente se eu for mulher meus filhos e filhas e os de minha irmã e de minhas primas paralelas estarão neste conjunto. Os de meu irmão deverão estar no conjunto da esquerda.

De qualquer maneira, não posso me casar com pessoas incluídas neste conjunto.

## A morada

Se a casa marubo fosse de pedra, seria tombada pelo patrimônio histórico. Mas ela dura poucos anos, devendo ser abandonada quando a palha da cobertura se estraga ao mesmo tempo que se impermeabiliza pela fuligem produzida pelas fogueiras, retendo a fumaça em seu interior. Mas como é cuidada em cada detalhe! Embora de tamanho variável, os pilares, caibros, cumeeira são sempre colocados da mesma maneira e amarrados do mesmo modo. Os talos das palhas, no seu interior, podem formar diferentes desenhos, cada um associado a uma seção. É uma casa oblonga, coberta do cimo até o chão. Partindo-se da porta principal, numa das extremidades, caminha-se primeiro entre dois bancos compridos, onde os homens fazem suas refeições e onde se recebem as visitas; atrás de um dos bancos pende o trocano; junto a essa porta, numa rede, o xamã incorpora os espíritos; também perto da porta, metidas nas palhas da parede, ficam as mandíbulas descarnadas nos animais abatidos. Depois percorre-se um largo corredor ladeado pelos pilares mais altos, no centro do qual as mulheres fazem suas refeições. Alcança-se em seguida a outra porta, perto da qual fica um longo cocho que serve de pilão. Em ambos os lados do corredor, ficam os espaços destinados a cada família elementar, marcados cada qual por quatro pilares, dois altos e dois baixos. A casa matsés é muito parecida com essa. A matis diverge um pouco por ter mais duas portas, laterais, por estar o espaço de refeição masculino no centro e porque seus pilares são mais afastados no alto do que ao rés do chão. O contato com os brancos trouxe aos marubos a casa do habitante rural amazônico, sobre pilotis, com assoalho e paredes de casca de paxiúba. Esse tipo de construção se erige em torno da maloca de estilo tradicional e serve para guardar os objetos de origem civilizada: tigelas de colher látex, cabos de aço para amarrar toras de madeira, máquina de costura, munição, querosene, roupas, tecidos. Os matis foram levados a solução semelhante. Outros grupos, de contato mais antigo e continuado, deixaram de fazer suas malocas tradicionais, como os caxinauas, por exemplo.

Em muitos casos é difícil falar na existência de uma aldeia. A maloca, que abriga um grupo doméstico, pode estar distante da mais próxima por duas horas ou mais de caminhada. O grupo doméstico inclui várias famílias elementares, algumas associadas entre si por um marido comum, ou seja, constituem famílias poligínicas. Entre os caxinauas o grupo doméstico ideal é o constituído por dois homens que se casam um com a irmã ou irmãs do outro e cujos filhos e filhas também se espera que se casem entre si. Entre os marubos este é um tipo de composição possível e talvez aqueles casos em que filhos do sexo masculino casados morem com o pai ou sobrinhos casados morem com o tio materno resultem daquela composição inicial.

As roças se fazem inicialmente em torno da maloca, que ocupa geralmente o topo de uma colina, e cada nova roça mais longe dela se faz. A macaxeira ou aipim, a banana e o milho são os principais vegetais cultivados.

Entre os caxinauas as seções mantêm direitos sobre as trilhas de caça.

## O mosaico cósmico

Para os marubos o universo é constituído de várias camadas terrestres, das quais a superior é aquela onde vivemos, e várias camadas celestes. Para os seres humanos talvez a

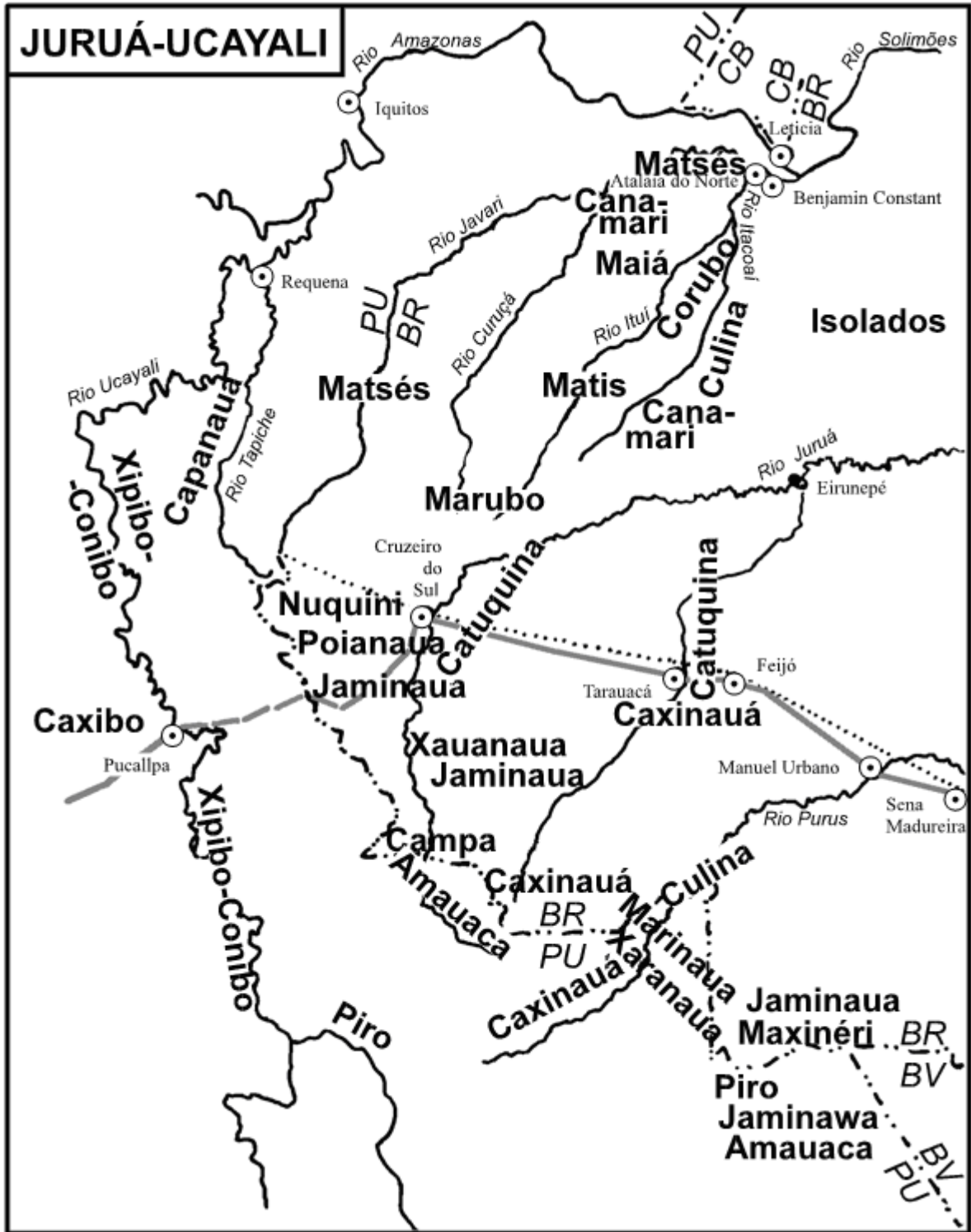
camada celeste mais importante seja a segunda, contando-se de baixo para cima, pois é para lá que devem se dirigir suas almas após a morte, percorrendo um caminho cheio de perigos, a cujos obstáculos aqueles que não seguiram as regras sociais sucumbem. Lá, depois de terem suas peles trocadas e renovadas por um personagem mítico cujo nome é o do macaco parauacu, cada alma residirá com os membros de sua seção.

Por sua vez, no mito de origem, cada seção marubo sai do chão independentemente das outras até mesmo daquela com a qual constitui uma unidade matrilinear. A partir do lugar em que surgiram, no baixo curso de um rio mítico, que pode ser algum lugar para onde corre o Amazonas, subiram ao longo do rio até o local onde hoje se encontram. Ao longo desse caminho em diferentes episódios vão aprendendo sua cultura: a proibição de incesto; os nomes pessoais; o consumo da pupunha; a "injeção de sapo" (secreção da perereca *Philomedusa bicolor*) para dar ânimo, tirar a preguiça, tirar o panema; como ter relações sexuais; como fazer o parto... Note-se, pois, que as seções surgiram independentemente e seus membros após a morte vivem separados. Logo, somente se encontram, casam entre si, neste mundo.

Embora não se vá encontrar em todas as sociedades panos a mesma descrição do cosmos, é possível detectar algumas idéias comuns ou partilhadas por várias delas. Por exemplo, a aquisição da cultura à medida que sobem ao longo do rio, admitida pelo mito marubo, tem sua contrapartida na hierarquia simbólica que os matís impõem ao montante e ao jusante (devem sempre tomar banho voltados para montante, a porta principal da maloca está voltada para montante).

O mesmo acontece com a origem compósita dos seres. Na mitologia marubo, a terra é formada de pedaços de animais abatidos por um herói mítico; os vegetais silvestres e cultivados também são feitos de membros e órgãos de animais abatidos; as doenças, conforme os cânticos de cura, se formam de partes de outros seres; Lua (do sexo masculino) tem origem num personagem que foi cortado pela cintura e completou seu corpo com membros de anta. Também quando um ser mitológico chega ao fim pode desmembrar-se em muitos outros seres, como aconteceu com o corpo de *Shoma Wetsa*. Ora, vamos encontrar a idéia correspondente entre os caxinauas, que admitem diferentes formas de conhecimento sediadas em distintas partes do corpo (Kensinger 1995: cap. 22). Essa idéia dos seres compósitos também está presente no variado número de almas dos marubos (a que faz o caminho em direção à segunda camada celeste é a do coração ou do lado direito).

Ainda quanto a este mundo multifacetado, confiado mais na memória que em minhas notas de campo, nota-se a capacidade de multiplicação de seres do mesmo tipo nas narrativas marubos, com seus nomes antepostos por diferentes termos, geralmente correspondentes a nomes de seções.



## Profusão simbólica

Esse fundo de idéias comuns também pode ser explorado por análises como a que fiz (Melatti 1992) com base no rito dos *Mariwin*, dos matis, num mito marubo e em três mitos caxinauas, chegando a uma correlação que essas sociedades panos fariam entre o poder reprodutor do órgão sexual feminino e o poder mágico da boca masculina. Viria em apoio de minha interpretação um rito xipibo descrito por Karsten (1955), no qual, enquanto a jovem passa por uma operação (cuja natureza Karsten não conseguiu averiguar) no órgão sexual, os homens dançam aos pares e se cortam mutuamente na cabeça. É bem provável que essa operação fosse a excisão do clitóris, ou, como acontece entre os matis, da parte aparente dos lábios menores da vulva, sendo que essa "circuncisão feminina" também existe entre os caxibos, caxinauas, marubos, xaranauas e alguns grupos não-panos vizinhos (Erikson 1996: 238-239). No que tange aos marubos, não tenho dados próprios para aceitar ou objetar.

Há outros aspectos em que essas sociedades se assemelham. Um traço azulado tatuado da boca até as orelhas é regra geral nas sociedades panos. Sobre esse padrão comum elaboram variações. É como se fosse a marca que distingue os panos dos não-panos. Apesar de importante e, conforme os marubo, até condição para percorrer o perigoso caminho que leva à segunda camada celeste, essa marca não resiste às pressões do contato interétnico. Conheci um velho índio pano de uma aldeia das proximidades de Feijó, no Acre, que tinha viajado até o Rio de Janeiro para apagar a marca.

Outra característica comum aos panos, e quase ou totalmente desaparecida, é a antropofagia funerária, isto é, a ingestão dos ossos do parente falecido, calcinados pela cremação, pulverizados no pilão, misturados a um alimento.

O combate à preguiça e ao panema, com o uso de meios como a picada da tocandira, a urtiga, a "injeção de sapo", também está presente entre os panos. Os marubos pedem que esses recursos sejam aplicados pelas mãos de pessoas reconhecidamente trabalhadoras, para que suas qualidades passem para o paciente. Os matis associam a preguiça à morte e à chuva (Erikson 1996: cap. 15). Mais do que a preguiça, o que reprovam os matis é o que ela representa como recusa em atender os pedidos alheios. Também combatem o egocentrismo, avareza e mesquinharia.

Entre os marubos, há dois tipos de agentes da magia. Um deles, que entra em transe e recebe em seu corpo espíritos de outras camadas do universo enquanto sua própria alma visita essas camadas, exerce mais do que atividades de cura, uma vez que o simples contato com esses seres já é razão suficiente para procurar comunicação com eles. O outro tipo é constituído por aqueles que entoam cânticos de cura sobre os doentes. Ambos os tipos fazem uso da *ayahuasca* e do rapé de tabaco. Os matis, por sua vez, abandonaram o uso do tabaco e também o xamanismo, por admitirem que as doenças introduzidas pelo contato com o branco decorriam de um excesso de uma força procurada por eles pela evitação dos alimentos doces-salgados (o doce e o salgado são designados pelo mesmo termo, tanto entre os matis como entre os marubos) que estava na base dessa atividade; a mesma força está associada à substância amarga-ácida do curare (Erikson 1996). Quanto aos caxinauas, Kensinger (1995) faz referência ao herbolário, valendo lembrar que o conhecimento de plantas medicinais também é importante entre os marubos.



Podem-se notar também divergências culturais entre os panos. No que tange aos adornos, por exemplo, enquanto os matis ostentam suas perfurações labiais, nasais, auriculares e até faciais para a introdução de adornos de concha, talos e espinhos, os caxinauas se destacam pelos ornamentos de penas e pela pintura de corpo.

As semelhanças e diferenças entre os panos estão à espera de uma sistematização. Erikson (1996: 42-44) distribuiu os panos em oito conjuntos, baseado principalmente na língua, mas certamente pensando também nas distinções culturais. É de se esperar que, dando continuidade a esse seu trabalho, por uma comparação controlada dos aspectos sociais e simbólicos, ele venha a caracterizar com mais nitidez cada um desses conjuntos. No quadro que apresenta a lista dos grupos panos desta área, procurei, com linhas horizontais duplas, separar os conjuntos uns dos outros.

## Contato interétnico

No que tange ao contato interétnico convém distinguir três aspectos interrelacionados: o contato dos panos entre si, o contato com os brancos e as idéias relativas aos incas.

Os grupos panos certamente se fragmentavam e se fundiam, ao sabor de alianças e conflitos, até que sua dizimação, a intrusão de colonos civilizados entre suas áreas, a delimitação das mesmas, concorreu para cristalizá-los nos grupos étnicos que conhecemos atualmente. É a essa indefinição de limites a que certamente alude Erikson com a sua figura da "nebulosa compacta" que dá título a um de seus trabalhos (1993). Com respeito ao conjunto que Erikson chamou de panos médios, vale observar que vários grupos étnicos hoje reconhecidos têm os mesmos nomes de seções dos marubos. Esclarece, por sua vez, Edilene Coffaci de Lima (1997: 8) que as auto-denominações atribuídas aos catuquinas (da família pano) referem-se aos seis clãs em que estão divididos: *Varinawa*, *Kamanawa*, *Satanawa*, *Waninawa*, *Numanawa* e *Nainawa*. É digno de nota que os cinco primeiros nomes também são de seções marubos.

O próprio contato com os brancos deve ter contribuído para esse fazer e desfazer. O sudoeste da Amazônia brasileira começou a ser ocupado pelos civilizados com a extração do látex do caucho e da seringueira a partir de aproximadamente 1870. Muitos grupos indígenas foram liquidados, outros dizimados, outros transferidos, de modo que, num setor dessa região como a bacia do Javari, com a queda dos preços da borracha a partir de 1912 e a decorrente retirada dos civilizados, vários desses grupos vieram a se reorganizar. Os marubos apontam um velho já falecido, uma espécie de herói mítico que conheci ainda vivo, como o reorganizador do grupo, aquele que extinguiu as lutas intestinas. Os matsés, por sua vez, desenvolveram um movimento de expansão, incorporando um número significativo de mulheres conseguidas em incursões sobre outros grupos. Mas esse interregno que permitiu a reorganização de certas sociedades panos veio a terminar por volta dos anos 1950 com o desenvolvimento da atividade madeireira, intensificando-se o contato 20 anos depois com as prospecções em busca de petróleo.

Dada a proximidade dos Andes, não surpreende encontrar em várias sociedades panos alusão a um personagem chamado de "Inca". O que surpreende é encontrar no Inca uma contra-partida do branco. Os marubos o associam ao metal, dando ao Javari, rio que lhes fica a oeste, na direção do Inca, o nome de "rio do Machado". Mas eles não são os únicos panos a

falarem do Inca. Em três mitos caxinauas transcritos por Capistrano de Abreu (1941, p. 442-454), "O Ìcá", "A aranha" e "O roubo do sol", o Inca é o senhor do frio, do escuro e do sol e, além disso, canibal. Uma versão que reúne os mesmos mitos tomada por André Marcel d'Ans (1975, p. 83-88) confirma essas características. Um outro mito registrado pelo mesmo autor (1975, p. 325-336) mostra que os caxinauas atribuem aos incas, além do canibalismo, um alto poder de adivinhação de palavras cochichadas na sua presença ou mesmo proferidas na sua ausência, bem como de acontecimentos a que não tenham assistido, e ainda língua e costumes estranhos, além de flechas de grande poder destrutivo. Numa crença que envolve a espera messiânica do retorno de "Inca Dios" ou "Inca Deus", os conibos admitem que a alma dos olhos de qualquer membro de sua sociedade que faleça deve dirigir-se àquela divindade para confessar seus pecados, constituídos sobretudo por faltas contra objetos de sua cultura material (Harner, ms.). Os xipibos, moradores das margens do Ucayali, contam, num mito, que não têm nada porque um homem preferiu ficar com uma mulher comum em vez de sua companheira de canoa, que era filha do Inca (Roe, 1982, p. 49-51). Contam ainda como obtiveram o fogo e os vegetais cultivados, conquistando-os a duras penas ao sovina *Shano Inca*, que defendia suas posses com ajuda de marimbondos e da cobra surucucu, *shano* (Roe, 1982, p. 68-70). Os xipibos opõem este Inca Mau àquele Inca Bom (Roe, 1982, p. 89-90). Portanto, enquanto os marubos, os conibos e os xipibos tomam o Inca como detentor de importantes itens da cultura material, os caxinauas o consideram, além de sua habilidade de adivinhar, não necessariamente cultural como as suas destruidoras flechas, como senhor de elementos naturais.

## BIBLIOGRAFIA

- ANS, André-Marcel d'. 1975. *La Verdadera Biblia de los Cashinahua (Mitos, leyendas y tradiciones de la selva peruana)*. Tradução. Lima: Mosca Azul.
- AQUINO, Terri Valle de. 1977. *Kaxinawa: de seringueiro "caboclo" a peão "acreano"*. Dissertação de mestrado pela Universidade de Brasília.
- BEHRENS, Clifford A. 1986. "Shipibo food categorization and preference: relationships between Indigenous and Western dietary concepts". *American Anthropologist* 88 (3): 647-658.
- CALAVIA SAEZ, O.C. 1995. *O nome e o tempo dos Yaminawa*. Tese de doutorado. São Paulo: USP-FFLCH.
- CAMPOS, Roberta. 1977. "Producción de pesca y caza de una aldea Shipibo en el río Pisqui". *Amazonía Peruana*, vol. 2, n° 2, pp. 53-74. Lima: Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.
- CAPISTRANO DE ABREU, J. 1941. *Rã-txa hu-ni-ku-ĩ: A lingua dos Caxinauás do rio Ibaçu, afluente do Murú (Prefeitura de Tarauacá)*. 2a. edição, com as emendas do Autor e um estudo crítico do Prof. Theodor Koch-Grünberg. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu e Livraria Briguiet.
- CARNEIRO, Robert L. 1974 [1970]. "Hunting and hunting magic among the Amahuaca of the peruvian montaña". Em *Native South Americans* (Patricia J. Lyon, org.). Boston e Toronto: Little, Brown and Company. pp. 122-132.
- CARNEIRO, Robert I. 1979. "El cultivo de roza y quema entre los Amahuaca del este del Peru". Em *Etnicidad y ecología* (Alberto Chirif, org.). Lima: Centro de Investigación y Promoción Amazónica. pp. 27-40.
- COFFACI DE LIMA, Edilene. 1994. *Katukina: História e organização social de um grupo pano do alto Juruá*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP-FFLCH.
- COFFACI DE LIMA, Edilene. 1997. "A onomástica katukina é pano?" *Revista de Antropologia* 40 (2): 7-30. São Paulo: USP-FFLCH-Departamento de Antropologia.

- DOLE, Gertrude E. 1974 [1962]. "Endocanibalism among the Amahuaca indians". Em *Native South Americans* (Patricia J. Lyon, org.). Boston e Toronto: Little, Brown and Company. pp. 302-308.
- DWYER, Jane Powell (org.). 1975. *The Cashinahua of Eastern Peru*. Por Kenneth M. Kensinger, Phyllis Rabineau, Helen Tanner, Susan G. Ferguson & Alice Dawson. Brown University-The Haffenreffer Museum of Anthropology (Studies in Anthropology and Material Culture 1).
- ERIKSON, Philippe. 1987. "Pères Fouettards en Amazonie. Bats-moi, mais Tout Doucement". *L'Univers du Vivant* 20: 99-115. Paris.
- ERIKSON, Philippe. 1990. *Les Matis d'Amazonie: Parure du Corps, Identité Ethnique et Organisation Sociale*. Tese de doutorado. Paris: Université de Paris X - Laboratoire d'Ethnologie et de Sociologie Comparative.
- ERIKSON, Philippe. 1993. "Une nebulose compacte: le macro-ensemble pano". *L'Homme* 33 (2/2/4) (ou n<sup>os</sup> 126/127/128): 45-58.
- ERIKSON, Philippe. 1996. *La Griffes des Aïeux — Marquages du corps et démarquages ethniques chez les Matis d'Amazonie*. Paris: CNRS/Peeters.
- GOW, Peter. 1993. "Gringos and wild Indians: Images of history in western amazonian cultures". *L'Homme* n<sup>os</sup> 126/127/128: 327-347.
- HORNBORG, Alf. 1993. "Panoan marriage sections: A comparative perspective". *Ethnology* 32 (1): 101-108.
- KARSTEN, Rafael. 1955. "Los indios Shipibo del rio Ucayali". *Revista del Museo Nacional* 24: 154-173. Lima.
- KEIFENHEIM, Barbara. 1990. "Nawa: un concept clé de l'alterité chez les Pano". *Journal de la Société des Américanistes* 76: 79-94.
- KEIFENHEIM, Barbara. 1999. "Zur Bedeutung Drogen-induzierter Wahrnehmungs-veränderungen bei den Kashinawa-Indianer Ost-Perus". *Anthropos* 94(4/6): 501-514.
- KENSINGER, Kenneth M. 1983. "Investigación lingüística, folklórica y etnográfica Pano: retrospectiva y perspectiva". *América Indígena* 43 (4): 849-875.
- KENSINGER, Kenneth M. 1995. *How real people ought to live — The Cashinahua of Eastern Peru*. Prospect Heights (Illinois): Waveland Press.
- LAGROU, Els. 2006. "Rir do poder e o poder do riso nas narrativas e performances kixinawa". *Revista de Antropologia* 49 (1): 55-90. São Paulo: USP – FFLCH – Departamento de Antropologia. [Número em homenagem a Joanna Overing].
- McCALLUM, Cecilia. 1990. "Language, kinship and politics in Amazonia". *Man* 25 (3): 412-433.
- MELATTI, Julio Cezar. 1977. "Organização social Marúbo: um sistema australiano na Amazônia". *Anuário Antropológico/76*: 83-120.
- MELATTI, Julio Cezar. 1985a. "Os padrões Marúbo". *Anuário Antropológico/83*: 155-198.
- MELATTI, Julio Cezar. 1985b. "A origem dos brancos no mito de Shoma Wetsa". *Anuário Antropológico/84*: 109-173.
- MELATTI, Julio Cezar. 1989. "Shoma Wetsa: a história de um mito". *Ciência Hoje*, n<sup>o</sup> 53. Rio de Janeiro: SBPC, p. 56-61.
- MELATTI, Julio Cezar. 1992. "Enigmas do corpo e soluções dos panos". Em *Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem* (Mariza Corrêa & Roque Laraia, orgs.). Campinas: UNICAMP-IFCH. pp. 143-166.
- MELATTI, Julio Cezar (org.). 1981. *Javari*. São Paulo: CEDI (volume 5 da Coleção Povos Indígenas no Brasil, dirigida por Carlos Alberto Ricardo).
- MONTAGNER, Delvair. 1985. *O Mundo dos Espíritos: estudo etnográfico dos ritos de cura Marúbo*. Brasília: Tese de Doutorado aprovada pelo Curso de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília (mimeo).

- MONTAGNER, Delvair. 1986. "Simbolismo dos Adornos Corporais Marúbo". *Revista do Museu Paulista* (Nova Série) 31: 7-41. São Paulo: USP.
- MONTAGNER, Delvair. 1987. "A cozinha marúbo: A arte de comer e beber". *Revista do Museu Paulista* (Nova Série) 32: 29-71. São Paulo: USP.
- MONTAGNER, Delvair. 1996. *A Morada das Almas — Representações das Doenças e das Terapêuticas entre os Marúbo*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- MONTAGNER, Delvair & Julio Cezar MELATTI. 1975. "Relatório sobre os índios Marubo". *Série Antropologia* 13. Brasília: UnB-IH-DAN.
- MONTAGNER, Delvair & Julio Cezar MELATTI. 1982. "A Criança Marubo: educação e cuidados". Em *A Criança na Família e na Sociedade*, org. por Eunice Soriano de Alencar. Petrópolis: Vozes: 38-51 (publicado originalmente na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* 143. Brasília: MEC-INEP, 1979: 291-301).
- MONTAGNER, Delvair & Julio Cezar MELATTI. 1986. "A maloca Marúbo: organização do espaço". *Revista de Antropologia* 29. São Paulo: USP-FFLCH-DCS.
- ROE, Peter G. 1982. *The cosmic zygote: cosmology in Amazon basin*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- ROMANOFF, Steven. 1976. "Informe sobre el uso de la tierra por los Matses en la selva baja peruana". *Amazonía Peruana* 1 (1): 97-130. Lima: CAAAP.
- ROMANOFF, Steven. 1984. *Matses adaptations in the Peruvian Amazon*. Tese de doutoramento por Columbia University. (University Microfilms International 8506027).
- SISKIND, Janet. 1975. *To hunt in the morning*. Londres, Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press.
- TOWNSLEY, Graham. 1993. "Song paths: The ways and means of Yaminahua shamanic knowledge". *L'Homme* n<sup>os</sup> 126/127/128: 449-468.
- TOURNON, J. & U. REÁTEGUI. 1987. "Diez años de estudios de las plantas medicinales del Ucayali (Amazonía peruana)". *América Indígena* 47 (2): 269-278.
- WERLANG, Guilherme. 2006. "De corpo e alma". *Revista de Antropologia* 49 (1): 165-201. São Paulo: USP – FFLCH – Departamento de Antropologia. [Número em homenagem a Joanna Overing].
- WHITTON, Louis C., H. Bruce GREENE & Richard P. MOMSEN JR. 1964. "The Isconahua of the Remo". *Journal de la Société des Américanistes* 53: 85-125. Paris.

## Webgrafia

O site *Povos Indígenas no Brasil* (<http://pib.socioambiental.org/pt>), do Instituto Socioambiental, contém dos seguintes verbetes referentes a povos indígenas desta área:

- CALAVIA SÁEZ, Oscar. 1998. "Yaminawá".
- CARID NAVEIRA, Miguel & PÉREZ GIL, Laura. 1999. "Yawanawá".
- COFFACI DE LIMA, Edilene. 1999. "Katukina Pano".
- CONDE, Ananda. 2008. "Korubo".
- CORREIA, Cloude de Souza. 2005. "Nukini".
- CORREIA, Cloude de Souza. 2005. "Arara Shawãdawa".
- COSTA, Luiz. 2006. "Kanamari".
- Equipe de Edição de PIB. 2008. "Matis".
- LAGROU, Elsje Marie. 2004. "Kaxinawá".

MATOS, Beatriz de Almeida. 2008. "Matsés".

MELATTI, Julio Cezar. 1998. "Marubo".

MERCANTE, Marcelo Simão. 2006. "Manchineri".

PIMENTA, José. 2005. "Ashaninka".

SILVA, Domingos Bueno da. 2003. "Kulina".

ÍNDIOS PANOS DA ÁREA JURUÁ-UCAYALI						
Nome tribal e sinônimos	CGNT	Sub-conjunto pano	População	Data	Fonte	
matsés	Matsés	setentrional	1.592 BR 1.744 PU	2006 2007	PIB INEI	
matís	Matís		322 BR	2008	PIB	
corubo	Korúbo		26 [a]	2007	PIB	
Rio Quixito (isolados) maíá	Mayá		[b]			
Igarapé São José (isolados)			[b]			
Rio Jandiatuba (isolados)			[b]			
Rio Jutai (isolados)			[b]			
culina-pano	Kulína Pâno			20 BR	1996	ISA: 12
marubo	Marúbo	mediano	1.252 BR	2006	PIB	
nuquini [c] remo isconaua	Nukiní Rêmo Iskonáwa		600 BR	2003	PIB	
capanaua	Kapanáwa		384 PU	2007	INEI	
poianaua	Poyanáwa		403 BR	1999	ISA: 13	
catuquina pano	Katukína Pâno		585 BR	2008	PIB	
xanenaua	Xanenáwa		178 BR	1998	ISA: 13	
iauanaua	Yawanáwa		519 BR	2006	PIB	
arara xauanáua	Arara Xawanáwa		332 BR	2004	PIB	
jaminaua iaminaua	Jamináwa Yamináwa		alto Purus	855 BR 600 PU 41 BV [d]	2006 2007 2001	PIB INEI CEPAL
marinaua	Marináwa			20 PU	2007	INEI
mastanaua/ xaranaua/ marinaua	Mastanáwa/ Xaranáwa/ Marináwa	79 PU		2007	INEI	
xaranaua/ marinaua	Xaranáwa/ Marináwa	486 PU		2007	INEI	
amauaca	Amawáka	amauaca		301 PU	2007	INEI
caxinaua	Kaxináwa	caxinaua	4.500 BR 2.419 PU	2004 2007	PIB INEI	
caxibo/cacataibo	Kaxíbo/Kakatáibo	caxibo	1.879 PU	2007	INEI	
xipibo/conibo	Xipíbo/Koníbo	ribeirinha	22.517 PU	2007	INEI	

ÍNDIOS NÃO-PANOS DA ÁREA JURUÁ-UCAYALI					
Nome tribal e sinônimos	CGNT	Classificação linguística	População	Data	Fonte
canamari	Kanamari	catuquina	1.654 BR [e]	2006	PIB
tsohom djapá	Tsohôm Djapá		100 BR	1985	ISA: 14
culina	Kulina	arauá	2.500 BR [e] 417 PU	2002 2007	PIB INEI
axaninca [f] campa	Axanínka Kâmpa	aruaque	869 BR	2004	PIB
manxinéri	Manxinéri		937 BR 15 BV [d]	2004 2001	PIB CEPAL

### Notas e abreviaturas dos quadros

- [a]→ Esse número considera apenas aqueles que estão em contato com os brancos.
- [b]→ Não há informações sobre população de grupos isolados e nem sempre sobre aqueles em processo de atração.
- [c]→ Nos dados populacionais dos panos para 1990, apresentados por Erikson (1996: 41), os remos do Brasil são identificados aos nuquinis na figura 4, enquanto os remos do Peru o são com os isconauas na figura 5, sem que afirme ou negue que uns e outros constituam o mesmo grupo étnico.
- [d] → Esses números, tomados do Quadro IV.2, incluem apenas os indivíduos de 15 anos para cima que se identificam como pertencentes a cada povo indígena. A julgar pela proporção da soma tais indivíduos na população indígena total da Bolívia, apontada no Quadro IV.4 do mesmo documento, diríamos que esses números correspondem a apenas 60% da população de cada povo.
- [e]→ Os números referentes aos canamaris e aos culinas também incluem os localizados na área Juruá-Purus.
- [f]→ No Peru os axanincas estão na área Alto Ucayali.
- BR→ Brasil.
- BV→ Bolívia.
- CEPAL → *Los Pueblos Indígenas de Bolívia: Diagnóstico sociodemográfico a partir del censo de 2001*. Comisión Económica para América Latina y el Caribe, Santiago, 2005, p. 40. Em: <http://www.eclac.org/publicaciones/xml/3/23263/bolivia.pdf>.
- CGNT→ "Convenção sobre a grafia dos nomes tribais", assinada pelos participantes da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, em 1953, de modo a uniformizar a maneira de escrever os nomes das sociedades indígenas em textos em língua portuguesa. Essa "Convenção" foi publicada na *Revista de Antropologia* (vol. 2, nº 2, São Paulo, 1954, pp. 150-152) e posteriormente nas primeiras páginas (não numeradas) do volume organizado por Egon Schaden, *Leituras de Etnologia Brasileira* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976). Preferimos, entretanto, usar a ortografia oficial brasileira.
- INEI → Instituto Nacional de Estadística e Informática. *Resultados Definitivos de las Comunidades Indígenas*. Censos Nacionales 2007: XI de Población e VI de Vivienda. Lima, 2009, Quadro 1.1, pp. 12-13. Em: <http://www.inei.gob.pe/biblioineipub/bancopub/Est/Lib0789/Libro.pdf>
- ISA→ RICARDO, Carlos Alberto (org.). 2000. *Povos Indígenas no Brasil — 1996/2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- PIB→ Site *Povos Indígenas no Brasil* (<http://piib.socioambiental.org/pt>), do Instituto Socioambiental.
- PU→ Peru.

[Página inicial](#)

[Lista das áreas](#)